

À SOMBRA DA MORTE: A CONFIGURAÇÃO DO CRESCIMENTO PSÍQUICO DA PROTAGONISTA DE *O QUARTO FECHADO*

TO THE SHADOW OF THE DEATH: THE CONFIGURATION OF THE PSYCHIC GROWTH OF THE PROTAGONIST OF O QUARTO FECHADO

Marcelo Medeiros da Silva¹

Resumo: Instaurando uma narrativa ontológica que perscruta as transgressões da alma feminina, Lya Luft, ao apresentar protagonistas em pleno processo de individuação, evidencia alguns reflexos da face oculta da psique feminina. Considerando esse traço peculiar de sua produção, pretendemos, neste trabalho, mostrar como, em *O quarto fechado* (2004), ocorre o processo de individuação de Renata, a protagonista do referido romance. Como instrumento indispensável de leitura, recorreremos à contribuição da psicologia analítica jungiana, a qual nos permitiu compreender a obra em estudo como uma trama de caráter sombrio em que a Morte, personagem central, é a responsável pela imersão de Renata no mundo escuro de seu ser onde Sombra e Persona, dois dos arquétipos – que, frequentemente, mais influenciam o ego –, são postos em relevo, em um embate psíquico que indica a iminência do processo de individuação da protagonista ao final do qual Renata aprendeu a transformar o inconsciente em consciente e a superar as sensações de vazio, medo, depressão e fragilidade que tanto a atormentavam. Em síntese, todo esse processo de autoconhecimento lhe permitiu adquirir uma maior consciência e maturidade responsáveis pelo equilíbrio e pela resolução de seus conflitos.

Palavras-chaves: Psicologia Analítica; Morte; Individuação.

Abstract: *Estabelishing an ontological narrative which peers the transgressions of the feminine soul, Lya Luft, to present the protagonists in the process of individuation, emphasizes some reflexes of the hidden face of the feminine psique. Considerating this peculiar feature of her production, we have intended, in this work, to show how, in O quarto fechado (2004), it occurs the process of individuation of Renata, the protagonist of the aforementioned novel. As indispensable tool of reading, we have relied on the contribution of the jungian analytical psychology, in which allows us to understand the studied work as a plot with a shadow slant in which the Death, central character, is responsible by the immersion of Renata in the dark world of her being where Shadow and Persona, two of the archetypes – that, they often influence the ego –, are highlighted, in a psychic clash which indicates the imminence of the process of individuation of the protagonist in the end of which Renata learned to transformate the unconscious into conscious and to overcome the sensations of emptiness, fear, depression, and fragility which tormented her. In short, all this process of selfknowledge allowed her to get a bigger consciousness and maturity responsible by the balance and by the resolution of her conflicts.*

Keywords: *Analytical Psychology; Death; Individuation.*

¹ Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB e professor de Literatura na Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: marcelomedeiros_silva@yahoo.com.br.

Introdução

Tema mais delicado e controverso da história cultural da humanidade, a morte é um fato natural, assim como o nascimento, a sexualidade, o riso, a fome ou a sede. Diante dela, todos os homens se igualam, pois sua foice é desferida indiscriminadamente, e a única atitude lúcida seja, talvez, “acabar amando a Morte” e “descobrir que afinal só ela é verdadeira, só ela existe, sempre à espera de nós: nós somos apenas sopro que vai desembocar no ventre dela: única realidade” (LUFT, 2004a, p.65). Noutros termos, tomada como a única certeza que temos na vida, a morte é quase sempre tratada num tom solene, pesado, temeroso. Para muitos, ela é uma força impessoal que golpeia toda a humanidade e representa o momento em que a pessoa se vê “feita em pedaços – espalhada – com a velha personalidade e os modos quase irreconhecíveis de tão mutilados” (NICHOLS, 1997, p. 228).

Entretanto, de uns tempos para cá, as atitudes do homem ocidental perante a morte e o morrer mudaram profundamente, ocorrendo uma verdadeira ruptura histórica que também foi registrada pela Literatura e que encontra reflexos, por exemplo, na obra de Lya Luft, mais especificamente em *O quarto fechado* (2004a). Nesta trama de caráter sombrio, a autora gaúcha empresta à morte uma outra categoria estética. Tratada de maneira densa, poética, misteriosa e sedutora, a morte, antes de ser o processo de degeneração do corpo, da matéria humana, da vida, é o início da libertação do peso da existência e é, sobretudo, a grande metáfora para o arquétipo da Sombra individual e familiar. Como tal, ela é linguisticamente a representação metafórica do momento em que segredos, culpas, omissões, todos estes sentimentos escondidos na caverna do inconsciente vêm à luz da consciência. Tais sentimentos, além da irrupção da Sombra, indicam o início de um lento e imperceptível processo de crescimento psíquico – o processo de individuação – que todo indivíduo tem de desenvolver e é, geralmente, desencadeado por um fenômeno involuntário e natural que, no caso do romance em estudo, é a Morte.

O início do processo de individuação da protagonista de *O quarto fechado*

O processo de individuação, segundo Franz (1993), começa infligindo uma lesão à personalidade, acompanhada do conseqüente sofrimento. Neste momento, é detectado um erro, e a pessoa descobre que, no seu íntimo, está sofrendo de um tédio mortal que torna tudo vazio e sem sentido. Este vazio, este isolamento é o que sente Renata, a protagonista de *O quarto fechado*, cujo erro, a princípio, foi deixar de lado o seu amor por Miguel, antigo namorado, e pela música, e casar com Martim. Depois de casada, Renata descobre que tanto para ela quanto

para o seu esposo o exercício do amor humano era complexo demais, por isso o casamento deles ruína e “os planos, os sonhos [foram] desfeitos como uma figura de cera à qual se aproxima uma chama: tudo derrete, a beleza torna-se caricatura” (LUFT, 2004a, p.15). Este, portanto, é o estágio inicial por que Renata começa a passar para dar início ao seu processo de individuação por meio do qual ela se tornará um indivíduo psicológico, uma unidade autônoma, indivisível, uma totalidade. Este é o momento de ela avaliar o que fizera até então de sua vida. E suas reflexões começam pela avaliação de seu casamento que foi marcado por estágios de uma lenta e dolorosa separação. Renata, fechada no grande aposento claro de sua música, reconhece que sempre vivera, principalmente depois do casamento, isolada por disciplina e solidão, por isso “fora uma estranha na casa, na mesa, na cama [...]: ora carente de amor, depois fria, pérfida, fazendo tudo para ferir [Martim]” (LUFT, 2004a, p. 16).

Ao avaliar a sua vida, Renata descobre, portanto, que o sofrimento por que passa é decorrente de dois erros seus: primeiro, foi o amor pela música, o qual a fez esquecer outras formas de amar, “porque [ela precisava] ser livre, disponível para a sua arte: a força que brotava no seu interior e a dominava” (LUFT, 2004a, p. 19). Em nome desse amor, que lhe deixara muitos espaços vazios, Renata deixou, em segundo plano, o seu amor por Miguel, cujos traços eram difíceis para ela reconstruir e a quem prometera nunca se casar, o que ela – eis o seu segundo erro – não cumpriu ao casar com Martim. Consciente disso, Renata chega à conclusão de que “na verdade casar-se não fora apenas trair a sua vocação, mas também o seu antigo amor. Então, sentindo-se perdida, lembrava Miguel, pensando que com ele tudo poderia ser diferente” (LUFT, 2004a, p. 19).

Perceber isso é importante porque, de acordo com Franz (1993), muitas vezes, o caminho para a individuação aparece de forma velada, escondido na paixão arrebatadora que se sente por alguém. Talvez é por isso que Renata, depois de casada, buscava fugir de si mesma, uma vez que “tudo o que eu queria era poder ficar sozinha: depois de casada descobri que para mim a solidão era essencial” (LUFT, 2004a, p.26). Noutras palavras, Renata, casada, descobre que tanto para si mesma quanto para o seu marido e seus filhos ela não passava de “uma presença abstrata, uma sombra melancólica” (LUFT, 2004a, p. 34); e que toda relação humana é marcada pelo sofrimento. Neste estágio inicial do processo de individuação, a única atitude que parece surtir efeito é voltar-se para “as trevas que se aproximam, sem nenhum preconceito e com a maior singeleza, e tentar descobrir qual o seu objetivo e o que vêm solicitar do indivíduo” (FRANZ, 1993, p. 167). Diante disso, Renata, ao descobrir uma série de dolorosas constatações do que existe de errado nela e em suas atitudes conscientes, tem de engolir toda sorte de verdades amargas, o que exige que máscaras sejam rasgadas para, a partir do

conhecimento sobre os conteúdos sombrios de sua psique, ela experiencie o conteúdo de sua umbra, pois só assim é que poderá ouvir os chamados do Self e ir em busca dele.

Identificação da Persona e realização da Sombra das personagens de *O quarto fechado*

Para entendermos por que os sentimentos sombrios vêm à tona, é preciso sabermos que, como os indivíduos, cada família, de acordo com Zweig e Wolf (2000), possui uma Persona, que, nos termos junguianos, é a expressão do impulso arquetípico para a adaptação à realidade exterior e à coletividade. A Persona, portanto, é a máscara através da qual expressamos certas coisas a respeito de nós mesmos para os outros, ou seja, é a máscara usada para obter aceitação em uma subcultura específica, uma vez que “nossas personas representam os papéis que desempenhamos no palco do mundo; são as máscaras que carregamos durante todo esse jogo de viver na realidade exterior” (WHITMONT, 2002 p.140). Noutras palavras, a Persona é uma estrutura da qual nosso eixo simbólico se servirá dia a dia para estruturar a nossa consciência através da adaptação social e, como tal, ajuda-nos extraordinariamente a diferenciar e desenvolver, pois ela é também uma estrutura atualizadora do potencial arquetípico da personalidade e não apenas uma ferramenta que possibilita uma melhor adaptação social, que deveria ser ultrapassada na individuação. Todavia, quando a nossa Sombra irrompe, essas máscaras são rasgadas e aquilo que a nossa Persona nos ajudava a guardar na escuridão do nosso inconsciente vem à tona – principalmente quando passamos por desordens sentimentais –, pois, como afirma Byington (1988), os símbolos da Sombra se expressam permanentemente na psique, lado a lado, com os símbolos da consciência e da Persona. Lya Luft faz referência aos arquétipos da Sombra e da Persona quando, em Rio do meio (2004b), declara:

Há um duelo permanente entre duas personalidades que habitam, talvez, todo mundo: uma, a convencional, que faz tudo ‘direito’; outra, a estranha, agachada no porão da alma num sótão penumbroso; que é louca, assustadora, que quer rasgar as tábuas da lei, transgredir, voar com as bruxas, romper com o cotidiano. E interfere naquela, ‘boazinha’, que todos pensam conhecer tão bem. (LUFT, 2004b, p.44)

Entretanto, para consagrar-se vencedor deste duelo, é preciso empreender uma jornada marcada, sobretudo, pela dor, já que nem sempre as feridas adquiridas ao longo deste processo são curadas como também nem sempre este processo é iniciado, pois “despir-se da roupagem e da máscara protetora para olhar cruamente no espelho o homem primitivo que há dentro de nós implica um ato de coragem” (GRINBERG, 1997, p. 149) que, se quisermos desenvolver

plenamente a nossa personalidade, somos obrigados a ter e ao qual Lya Luft faz referência em Rio do meio (2004b):

Levantar os panos que cobrem o que nos aflige pode abrir uma caixa de Pandora da qual sairão esvoaçando demônios que trazem aflição e dor. O circo dos conflitos dorme. É preciso audácia para abrir a cortina e saltar na arena junto com tudo o que fingia sossegar, mas nos atormentava tanto. (LUFT, 2004 b, p. 46)

No entanto, é neste confrontar-se que reside um grande valor da personalidade da Sombra, uma vez que se confrontar com ela é essencial para que haja o desenvolvimento do autoconhecimento, daí por que este, portanto, é um processo do qual não podemos escapar, como não puderam escapar Renata e Martim, personagens do romance em estudo, os quais, diante do filho morto, se defrontam com a Sombra dentro de si e experienciam sentimentos que foram obrigados a reprimir para poderem continuar a usar a Persona social. Tal experiência revela-se inquietante e causa neles vergonha, embaraços, remorsos, fazendo-os se sentir expostos, feios e nus, pois a Sombra, assim como a Morte, não pede licença e na frente delas nossas máscaras caem. Diante da Sombra, vemo-nos frente a frente com os sentimentos escondidos no fundo do nosso ser e que somos compelidos a não expressar publicamente. No entanto, deparar-se com esses sentimentos é, conforme já dissemos, fundamental para dar início à nossa individualidade, pois “apenas quando reconhecemos aquela parte de nós mesmos que não vimos ou preferimos não ver é que podemos seguir em frente, questionar e encontrar as fontes em que ela se alimenta e a base em que repousa” (WHITMONT, 2002, p. 148). Assim, ao deparar-se com sua Sombra, Renata questiona, procura saber os motivos que levaram o seu filho à morte, mas isto é, a princípio, uma forma de não querer encarar a própria Sombra que, frente a frente com Renata e Martim, os leva a fazer a seguinte pergunta: “– O que foi que eu fiz de você, meu filho?”.

Responder a essa pergunta é dar o primeiro passo para a compreensão dos conteúdos reprimidos de suas Sombras, uma vez que, embora seja indesejável, a Sombra não só nos ajuda a expandir o nosso crescimento como também pode abrigar as nossas melhores qualidades, pois, segundo o pensamento junguiano, uma pessoa não se ilumina apenas imaginando figuras de luz, mas iluminando a escuridão de sua psique. Mas, para Martim e Renata chegarem à resposta àquela pergunta e, portanto, à individuação, é preciso, antes, descobrirem o que eles fizeram de suas vidas para que, assim, possam alcançar o caminho para a totalidade e suportar a dor causada nessa jornada. Sendo assim, antes de chegarem à resposta, eles precisam rememorar o passado, isto é, confrontar aquilo que se presencia e aquilo que foi vivido, e, assim,

na busca pela luz escondida em suas umbras, descobrir como construíram sua família cujas bases foram erigidas sob máscaras sociais que impediram que Renata e Martim, assim como os seus demais familiares, amassem genuinamente uns aos outros e se sentissem amados uns pelos outros.

Encontrar uma resposta para aquela pergunta exige, portanto, reconhecer a presença da Sombra e “sofrê-la de modo construtivo, como parte de [sua] personalidade que pode [conduzi-los] para uma saudável humildade e humanidade e, finalmente, a novos *insights* e horizontes de vida mais amplos” (WHITMONT, 2002, p. 148), visto que a Sombra é parte essencial da estrutura de atualização do potencial arquetípico do self individual e cultural, isto é, do potencial arquetípico da psique que se expressa fora da consciência e que contribui, portanto, para o desencadeamento do processo de individuação do qual é impossível escapar porque a individuação é o problema da vida em geral. Entretanto, não podemos esquecer que, nessa busca pelo *tornar-se si mesmo*, é impossível escapar das feridas, daí por que Martim, diante do filho morto, sentia-se envergonhado como se estivesse diante de mais um fracasso pessoal; e Renata “deteriorava-se lentamente, debatia-se. ‘Estou caindo aos pedaços’, percebia, ‘estou me desmanchando como coisa que cai na água e fica empapada, pesada, mole” (LUFT, 2004a, p.27). Diante disso, Martim e Renata só poderão cicatrizar as feridas de sua psique se levarem seriamente em conta a existência de sua Sombra, aceitarem-na e souberem trabalhar com ela e com os seus sentimentos (deles) reprimidos, dissociados da consciência. Só dessa forma é que eles encontrarão a resposta que tanto procuram, principalmente depois da morte de seu filho Camilo. Encontrar a resposta exigirá deles descer nas camadas mais escuras e profundas de suas Sombras e, enquanto não iniciarem o processo de subida, enquanto não encontrarem o baú de ouro que está escondido na Sombra de cada um deles, Camilo jazerá diante deles “como um anjo exterminador: impondo silêncio, implantando separação, cortando derradeiros elos e urdindo outros” (LUFT, 2004a, p. 41), uma vez que “além de tudo, opróbrio: um suicida está sempre acusando alguém” (LUFT, 2004a, p. 71).

Em *O quarto fechado*, ao lado da alma individual, a alma familiar foi sacrificada para manter a ilusão da Persona familiar, o que exigiu a repressão das diferenças individuais e instaurou um espaço psíquico inseguro. Como decorrência disso, a morte de Camilo é apenas o estopim de uma série de acontecimentos que já indicavam a irrupção da Sombra familiar que rasga o tecido da vida de todos os membros da família. A irrupção do lado escuro da alma familiar traz à baila os talentos desvalorizados ou latentes como também os chamados comportamentos e características negativos, já que a Sombra, como afirma Byington (1988), no lugar de ser um conjunto de zonas da personalidade inconscientes, é um conjunto de zonas

inconscientes que já poderiam ser conscientes, mas que, por uma razão ou outra, não se tornaram conscientes e que, se deixadas de lado, podem ressurgir com violência redobrada e expor-nos diante de nossas própria “diabruras”, de nossos próprios medos. Neste caso, diante do filho morto, a máscara de esposa e mãe devotada cai, e Renata se vê como realmente é, isto é, uma mãe que não amou os filhos, sua família e nem se permitiu viver um verdadeiro amor, porque sua verdadeira paixão fora a música, sentimento esse que ela, depois que se casou com Martim, precisou reprimir, deixando-o submerso no mar verde-escuro e gelado do seu ser.

Noutras palavras, é na família que Renata projeta o “mal” que a aflige e isso a leva a uma relação de incompletude, pois sua relação com o meio que a circunda passa a não ser real, mas ilusória. Ou seja, no lugar de a família ser a fonte da qual se nutriria e na qual seria apreciada, ela passou a ser, para Renata, o centro que a negligenciou, que instaurou a sua queda livre e onde o seu talento artístico era considerado uma perda de tempo, daí a sensação de ter sido traída, esmagada. Neste caso, a vida não vivida de Renata pode ser vista como a personalidade de sua Sombra. Em sua família, Renata passou a ser também algo que inquietava Martim, porque nela ele, inconscientemente, projetava os seus sentimentos reprimidos, uma vez que, como nem sempre ocorre a cisão entre o ego e a Sombra, o mais comum é projetarmos-la inconscientemente em alguém, em alguma situação, instituição ou objeto qualquer. Em outros termos, é em Renata que Martim projeta a sua Sombra com cujos conteúdos reprimidos ele, diante da beleza da natureza artística e doce de Renata, não sabe lidar. Além disso, como as estratégias do inconsciente de Martim para manter os conteúdos de sua Sombra afastados da consciência começam a falhar, ele passa a nutrir uma raiva contra a mulher que, assim como os sentimentos pouco viris, procura arrastar para a caverna de seu inconsciente, mas traz à tona quando, raivosamente, culpava (e, às vezes, chegava a agredir) Camilo, o filho morto, por uma característica que ele, Martim, não conseguia aceitar em si mesmo.

A relação afetiva entre seus filhos Camilo e Carolina, que, embora nascidos diferentes, eram fisicamente parecidos, aliás, treinavam para serem iguais, irritava Martim porque ver juntos Camilo e Carolina, fruto que nascera partido em dois, mas que procurava refazer essa fragmentação, era sentir o desejo de estar junto de sua meia irmã, Ella, o qual Martim fora obrigado a reprimir, mas, inconscientemente, projetava na relação afetiva existente entre Carolina e Camilo. Neste último, Martim, depois, passará a projetar outros sentimentos. Neste caso, a projeção, uma das estratégias utilizadas pela pessoa ao se confrontar com a Sombra e a mais atraente para o ego, consiste em “perceber nos outros os próprios defeitos [no caso de Martim, a fragilidade, o caráter andrógino do filho e a aversão deste à fazenda], responsabilizando-os pelos males que o eu odeia e nega; conseqüentemente, o outro passa a ser

rejeitado e odiado como se possuísse tais qualidades” (RIBEIRO, 2004, p. 65). De acordo com Byington (1988, p. 17,) “o ser humano, devido à sua maior dependência no início da vida, quando comparado a outras espécies, é também dos mais profundamente moldáveis” e, no caudal da psicologia junguiana, os parâmetros que ditam os moldes para a nossa adaptação à vida social são os responsáveis pela construção de nossa Persona, cujo processo de instalação é iniciado na infância, “pois, desde cedo, aprendemos a modelar nossa forma de ser para atender às expectativas dos pais, dos professores, selecionando qualidades desejáveis e exemplares e ocultando no inconsciente aquilo que nos compromete, que apenas aguarda a oportunidade para se revelar” (RIBEIRO, 2004, p.63). Neste caso, a Persona, além de um forte poder de estruturação da formação da personalidade, possui também um poder de deformação. Deste último, decorrem dois problemas principais: o primeiro, ligado à estruturação, diz respeito “à falta de máscaras para moldar a expressividade do rosto ou a máscaras defeituosas que deformam essa expressividade” (BYINGTON, 1988, p.20). O segundo problema, ligado ao apego à adaptação, se refere “ao sacrifício do poder que temos que fazer para retirarmos uma máscara à qual estávamos acostumados” (BYINGTON, 1988, p. 20).

No romance em pauta, o grande exemplo de apego à Persona é a personagem Mamãe. Ao contrário das outras personagens, que possuem um nome próprio que as individualiza, Mamãe é apenas nomeada pelo papel social que ela exerce – o de mãe – e cuja função é anunciar aos outros como ela deseja ser vista. Neste caso, Mamãe usa uma máscara que procura compensar as suas deficiências pessoais, pois “talvez todas as dores, todos os conflitos e dramas da família fossem castigos para ela, Mamãe; porque impedira o amor de Martim e Ella” (LUFT, 2004a, p.101), criando, assim, uma falsa imagem de si própria que não condiz com sua individualidade, e identificando-se com sua máscara para esconder suas dificuldades e defeitos, o que impediu que o seu ego desenvolvesse o novo que iria se expressar pela Sombra, daí por que era mais cômodo para ela, Mamãe, se apegar à sua Persona, pois, assim, ela tentava evitar a formação de sua Sombra, uma vez que “numa trilha como a sua, parar era perigoso: os pensamentos se acumulavam. Se a represa rebentasse, o que saltaria de dentro?” (LUFT, 2004a, p.98-99). A rigidez da problemática de Mamãe bloqueou e impediu o desenvolvimento não só de sua Persona como também da Persona de duas outras personagens: Martim e Clara. Esta, segundo Mamãe, é “a que não queria crescer, sua companheira com quem tecia ano após ano uma vida doméstica fora da realidade, pequenos fatos, intrigas, lembranças talvez irreais” (LUFT, 2004a, p. 98). Noutras palavras, irmã mais nova de Martim, Clara, diante da problemática da personalidade de Mamãe, teve a produtividade de sua Persona bloqueada e anulada, o que contribuiu para aumentar a sua Sombra para onde foram, sobretudo, os seus

desejos sexuais que, reprimidos, vez ou outra, aparecem em sonhos, criando-lhe embaraços e desconfortos, pois, enquanto os seus sentimentos e obrigações morais ficarem a cargo da personalidade egóica, sua Sombra lutará para fazer viver os impulsos internos proibidos.

Ao reprimir sua sexualidade, Clara faz com que suas fantasias possam ser preenchidas com a Sombra e, às vezes, ela se sente culpada por sentir essas fantasias, a ponto de querer mantê-las ocultas dos outros e de si mesma. Ao proceder assim, ela desencadeia um processo em que é condenada a perseguir o Outro que lhe escapa sempre e em que, aos poucos, ela mesma se deixa tragar por sua Sombra, tornando-se a noiva que busca eternamente pelo noivo, pois quer ser amada, mas não suporta que a amem. Noutras palavras, Clara busca o self autêntico, mas o seu ego não quer abrir mão do controle, pois quer continuar a dominar o processo de namoro, daí por que a irmã de Martim continua procurando, de novo e de novo, uma imagem ideal do amado que reforce as suas expectativas, as suas fantasias donde lhe vinham o prazer e a ternura, e a sua precária ordem interior, por isso ela “aos poucos construíra para si aquele amante a quem podia montar e desmontar, compor e recompor, e a quem secretamente chamava: Padre” (LUFT, 2004a, p.77). Ao agir assim, Clara permite que a personagem que nunca casou se mantenha no assento do poder, impedindo, dessa forma, a aparição do self autêntico, que se encontra escondido debaixo de sua Sombra que, ignorada, se torna hostil.

No caso de Martim, o efeito da problemática da personalidade de Mamãe, sua mãe de criação, também se refletiu, conforme já dissemos, na estruturação de sua Persona que tentou ultrapassar a problemática materna sem resultado. Ou seja, criado desde pequeno por uma mulher decidida, animada, que assumira a família e as propriedades, Martim passou a ter em Mamãe, parenta afastada que viera substituir a mãe dele, a sua figura de autoridade (identificação), banindo, sem querer, os sentimentos pouco viris e os conflitos interiores para a penumbra de sua Sombra. Como resultado disso, ele passou a sabotar a si mesmo e tornou-se um viciado em trabalho, o que lhe exigiu o sacrifício do casamento e de sua autenticidade no altar da produtividade. Ao agir assim, Martim passou a afastar-se demais de quem ele deveria ser, abrindo espaço para que outra figura se formasse no seu inconsciente. Ela é a personificação de todas as características que ele negou em si mesmo, quer porque nunca as percebeu, quer porque as via, mas não gostava do que via. Ou seja, homem forte e acostumado a dar ordens, diante de sua Sombra, irrompida com a morte do filho, Martim trouxe à luz os sentimentos de impotência e desamparo que tanto quis manter na escuridão para onde também mandou os sentimentos amorosos que sentia por sua irmã de criação, Ella, a moradora do quarto fechado no fim do corredor e a grande Sombra que ele e sua família procuravam esconder na penumbra

daquele quarto, lugar que era “uma ferida úmida que se cobre com as roupas, não se deixa tocar mas continua latejando” (LUFT, 2004a, p. 80).

Entretanto, mesmo assim, Ella, apesar do sofrimento insuportável, lutava para viver, persistia na lembrança de Martim e ainda, talvez, o esperava para viverem o ardente amor que foram obrigados a reprimir, porque aos olhos dos parentes, principalmente aos olhos de Mamãe, aquilo seria uma relação incestuosa e porque o Destino interveio, fazendo Ella cair de uma cerca onde, sentada, estava esperando por Martim para fugirem juntos. Diante deste incidente que tornou Ella um ser que se arrastava “como uma grande lesma que apenas consegue cumprir alguns centímetros do sofrido trajeto cada dia” (LUFT, 2004a, p. 99), Martim tornou-se vítima de seus próprios complexos afetivos e banuiu para o reino interno os seus sentimentos de afeto que passaram, agora, a ser personagens da Sombra, os quais, mais tarde, tentando alcançar um lugar à mesa, serão projetados em seu filho Camilo e voltarão, assim, a inquietar Martim. Camilo irritava Martim porque o filho é o Outro. Tudo o que ele vê em Camilo como desprezível, insuportável, odioso, impossível de aturar e que sempre é motivo de tortura é, na verdade, suas próprias características reprimidas que são inaceitáveis porque representam o conteúdo sombrio que foi jogado para o lado escuro de sua alma. Neste caso, Camilo se torna o portador de todo o mal que Martim não consegue reconhecer em si mesmo, pois “achamos impossível de tolerar nos outros apenas aquilo que não podemos aceitar em nós mesmos” (WHITMONT, 2002, p. 146).

Como dissemos em parágrafos anteriores, a falta da alma familiar contribuiu para que na família de Renata e Martim fosse instaurado um espaço psíquico inseguro onde os segredos familiares – o amor proibido entre Martim e Ella, o de Clara pelo Padre e o possível assassinato do Anjo Rafael, o terceiro filho de Renata e Martim, que morreu depois que, misteriosamente, caiu da escada, por exemplo – estão, escondidos no inconsciente, à espera de um momento propício para virem à tona, uma vez que, de acordo com Sanford (1988), todo segredo é compelido por forças internas ocultas em direção à consciência humana. Além disso, tais segredos, devemos acrescentar, são repassados para a próxima geração como uma “herança maldita”. Assim, é que o desejo incestuoso de Martim por sua meia-irmã Ella é herdado por Camilo e Carolina, os irmãos gêmeos, filhos de Renata e Martim, que, muito antes do nascimento, já sentiam a presença deste amor singular que os unia. Camilo e Carolina sentem-se como um único ser, pois “nada fora deles mesmos parecia interessar-lhes grandemente, empenhados numa encarniçada, silenciosa busca de unidade” (LUFT, 2004a, p. 23). Todavia, a unidade que formavam encontra-se dividida em dois: Carolina, a metade mais fraca, e Camilo, a mais forte, pois ele tinha consciência de que precisava buscar o ouro escondido no baú de sua

psique, ou seja, ele sabia, desde criança, que “tudo fora transferido para aquele espaço maior de atração: na Morte estão as coisas mais belas que um dia serão minhas” (LUFT, 2004a, p.22). E, enquanto não voltarem a ser novamente esta unidade, Camilo e Carolina buscam unir-se projetando-se no Outro, pois, talvez, assim pudessem sentir que estavam sendo restaurados:

Camilo começara a trazer para casa de Mamãe um conhecido. Ele, que não tinha amigos, arranjava o belo rapaz, corpo vigoroso, riso um pouco vulgar. [...] O rapaz pensava divertir-se com Carolina. [...] Certa manhã o rapaz deitou-se com Carolina no quarto dela em casa de Mamãe. [...] No prazer ele sentira terror da própria ambiguidade: no rosto desfeito de Carolina desejara beijar e morder a face de Camilo. Fora isso então, o tempo todo: caçando-a e sendo caçado por ela, perseguia o irmão e era por ele perseguido; e a ele agora violentava, numa funda perversão. (LUFT, 2004a, p. 94-97)

No entanto, ao entrar nesse jogo, eles não foram corajosos para aceitar a responsabilidade pelo “eu” inferior, caindo numa armadilha do demônio, pois “tinham sido usados, os três, por alguém mais astuto e lascivo” (LUFT, 2004a, p. 103). Esse alguém era a própria Sombra cujo veneno eles provaram e por isso foram esmagados por ela. Mas Camilo, há muito tempo, sentia que era influenciado pela numinosidade de sua Sombra e sabia que só seria completo se pudesse provar plenamente dessa numinosidade mesmo que isso implicasse ser tragado pela Sombra. Para tanto, era preciso cortejá-la para que pudesse chegar ao fundo do poço onde, imersos em polaridades, achou, enfim, “Vida e Morte, masculino e feminino, o Eu e o Outro entredevorando-se como uma serpente que engole a própria cauda. Da treva e do delírio saltou a Morte de braços abertos: bêbada de mistério” (LUFT, 2004a, p. 96). Mistério que Carolina, agora uma ausência em vida, como sua tia Ella, tentará, sozinha, descobrir numa busca dolorosa por entre as entranhas do seu ser, até que possa ser tragada, como o seu irmão, por sua Sombra. Enquanto isso não acontecer, Carolina continuará sofrendo de uma terrível sensação de vazio, de tédio, como se estivesse à espera de algo que nunca chegará.

A chegada ao self: o centro interior da psique total

Na sua jornada, durante o processo de individuação, Renata adquiriu a consciência de que possuía uma personalidade dividida e separada que aspira à união com seu sócio desconhecido e incognoscível – o Self – e luta por isso. Ou seja, se Camilo e Carolina foram esmagados por sua Sombra, se Mamãe, Martim e Clara não conseguiram desenvolver sua personalidade e terminar o seu processo de individuação, porque teimaram em não enxergar

que, por trás do véu da consciência deles, estava o lado sombrio de suas psiques, Renata, diante do choque de ver a si mesma, já deu o primeiro passo para a sua individualidade, pois, como afirmou Jung (*apud* ZWEING e WOLF, 2000, p. 53), nós precisamos aprender a nos conhecer, para descobrirmos quem somos. E a porta para este processo de (auto) conhecimento, de crescimento da consciência psicológica é a nossa Sombra, visto que é por meio deste encontro que “os complexos poderão ser integrados, as projeções retiradas e a energia necessária para o desenvolvimento do ego restituída [...]. Ou seja, nossa Sombra pode tornar-se um bom inimigo, aquele que nos desperta para o nosso lado obscuro, possibilitando-nos aprender com nossos erros” (GRINBERG, 1997, p.150) e, conseqüentemente, chegar até à porta do inconsciente e abri-la.

Depois do encontro com sua Sombra, quando finda o seu processo de individuação que, porém, é, novamente, reiniciado, já que a individuação é marcada pela contínua renovação, Renata, cujo nome significa aquela que nasceu de novo, descobre que nunca mais será a mesma, por isso está tendo “que renascer mais uma vez. Mais uma tormenta, um parto: a dor, o medo, o que virá agora? Talvez enfim eu consiga descansar no vazio” (LUFT, 2004a, p. 109). Dito de outra forma, “depois da sombra, o mundo fica maior do que é, capaz de abranger certo sentido de família ampliada. Isso é um crescimento, mas também um ferimento” (SANFORD, 1988, p. 55), pois a jornada de descobrimento do lado escuro de nossa/sua alma é uma descida dolorosa marcada por sofrimentos, dores que, embora profundos, não dissiparam as esperanças de se chegar a ser um Ser pleno, um indivíduo que, depois que aprendeu a integrar o seu lado sombrio, renasce para a vida. Iniciado esse processo, o lado escuro de sua/nossa alma passa a ser iluminado e as névoas que impediam de a luz chegar ao quarto fechado da consciência começam a se dissipar. É o início da morte da Sombra e o início da restauração da alma individual e familiar:

O riso arquejante de um velho demônio agachado num canto nascia do fundo do corredor lá em cima, ricocheteava nas paredes, rolava pelos degraus.

[...]

O coração doente da casa explodia. Como um animal que reuniu em sua cova excrementos, folhas podres, vermes, a dor acumulada e a consciência repugnante de si mesma e dos outros começavam a rebentar. (LUFT, 2004a, p. 110)

Com isso, inicia-se uma nova estruturação da consciência a fim de atualizar o potencial arquetípico da personalidade e se consegue tornar menos espessa a Sombra, possibilitando a emergência de uma consciência que não mais se deixa prender egoisticamente pelos desejos,

temores, esperanças e ambições pessoais que sempre necessitam de uma compensação inconsciente, pois, de acordo com Franz (1993), uma vez que a Sombra possui muitos elementos positivos, não devemos reprimi-la. Entretanto, para viver estes valores necessários à nossa consciência, é preciso que o ego renuncie ao seu orgulho e vaidade, o que se configura num ato heróico que pode se tornar um sacrifício, pois depende de nós tornar nossa Sombra em amiga ou inimiga, já que ela existe sob uma forma que torna difícil a sua integração na vida de cada um, daí por que se tornar uma pessoa consciente é um trabalho árduo, mas permanecer inconsciente exige um preço muito maior.

Considerações Finais

Em *O quarto fechado*, objeto de estudo deste trabalho, a autora construiu uma trama de caráter sombrio em que a Morte, personagem central, é a responsável pela imersão de Renata, a protagonista, no mundo escuro de seu ser onde Sombra e Persona, dois dos arquétipos que frequentemente mais influenciam o ego, são postos em relevo, como se a escritora, por meio desta obra, tentasse interpretar, tarefa a que nos propusemos, este embate psíquico que indica a iminência do processo de individuação da protagonista e, em decorrência disso, instaura um conflito cuja recompensa final é descobrir-se um ser que, nesta jornada arquetípica de reintegração, aprendeu a transformar o inconsciente em consciente. Desse modo, *O quarto fechado*, assim como as demais obras luftianas, insere-se dentro de uma categoria de obras produzidas por escritores que têm ajudado na recuperação e no resgate de nossa forma psíquica natural. Ao levantar o véu de nossas Personas, a narradora luftiana deixa entrever a necessidade de desencadarmos o nosso processo de individuação. Para tanto, é preciso descobrirmos a infinita riqueza da dimensão de nossa Sombra, que, embora vista como o lado escuro de nossa alma, depois de cortejada, se revela uma arca do tesouro que então estava escondido no quarto fechado de nossa alma, guardando o ouro que todos os que conseguem chegar ao final do processo de individuação recebem como recompensa.

Noutras palavras, como advertem Zweig e Wolf (2000), somente quando cada camada da Sombra for minada da escuridão, cada medo enfrentado, cada projeção resgatada, é que o ouro começará a brilhar. Ao agirmos assim, abraçando compassivamente o lado escuro da realidade, tornar-nos-emos, como Lúcifer, portadores da luz e nos abriremos para o Outro – o estranho, o fraco, o rejeitado, o não-amado – e para uma vida maior na qual passamos a ouvir o chamado do Self e na qual não só passamos a acreditar em mágica, mas a contar com ela, pois

cabe a nós restaurar a Sombra e redimir as qualidades rejeitadas a fim de nos tornamos um ser pleno, indivisível.

Referências

BYINGTON, C. *Estrutura da personalidade: persona e sombra*. São Paulo: Ática, 1988.

FRANZ, M.-L. von. O processo de individuação. In: JUNG, Carl Gustave (org.). *O homem e seus símbolos*. Trad. Maria Lúcia Pinho. 22.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

GRINBERG, L. P. *Jung: o homem criativo*. São Paulo: FTD, 1997 (Coleção Por outro lado).

JOHNSON, R. A. *Magia interior: o lado sombrio da realidade*. Trad. Júlia Bárány. São Paulo: Mercuryo, 1996.

LUFT, L. *O quarto fechado*. Rio de Janeiro: Record, 2004a.

_____. *Rio do meio*. 15. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004b.

NICHOLS, S. *Jung e o tarô: uma jornada arquetípica*. Trad. Octavio Van der Post. São Paulo: Cultrix, 1997.

RIBEIRO, M. G. As projeções da alma de uma Mulher no Espelho. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias da; RIBEIRO, Maria Goretti. *Mulheres de Helena – trilhamentos do feminino na obra de Parente Cunha*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2004.

ROBERTSON, R. *Sua sombra*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Pensamento, 2000.

SANFORD, J. A. *Mal: o lado sombrio da realidade*. Trad. Sílvio José Pícon e João Silvério Trevisan. São Paulo: Paulinas, 1988.

SIMÕES Jr., J. G. *O pensamento vivo de Jung*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

WHITMONT, Edward C. *A busca do símbolo: conceitos básicos de psicologia analítica*. Trad. Eliane Fittipaldi Pereira e Kátia Maria Orberg. São Paulo: Cultrix, 2002.

ZWEIG, C.; WOLF, S. *O jogo das sombras: iluminando o lado escuro da alma*. Trad. Anna Maria Lobo. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

Submetido em: 13.01.2023

Aceito para publicação em: 31.01.2023